

Sôbre um trips da pimenteira (Thysanoptera, Thripidae)¹

A. da Costa Lima
Instituto Oswaldo Cruz

Em fins do ano passado recebi do Dr. WALTER DE SÁ MENEZES exemplares de um trips com a indicação de ser praga da pimenteira (? *Capsicum* sp., ? *Solanum* sp. ? em Salvador (Bahia).

Procurando determiná-lo, verifiquei tratar-se de uma espécie de *Brachyothrips* Bagnall, 1921, gênero próximo de *Selenothrips* Karny, 1911.

O gênero de BAGNALL tem, como genótipo, *B. anomalus*, de Seychelles, por êle descrito quando o creou.

No mesmo trabalho, BAGNALLI incluiu no gênero — *B. indicus*, de Calcutta (Índia), por êle descrito em 1926 em *Selenothrips*.

Em 1927, PRIESNER, outra autoridade Europea em Thysanoptera, com material colhido por SILVESTRI em Lagos (África Ocidental), descreveu *Selenothrips glabratus*, sp. n.

Em 1929, BAGNALL, revendo o gênero *Brachyurothrips*, descreveu a nova espécie — *hargreavesi*, baseada em várias fêmeas colhidas por HARGREAVES, sôbre *Acalypha*, em Serra Leoa.

No mesmo trabalho, declarando possuir material em melhores condições da espécie que anteriormente descrevera como *Brachyurothrips indicus*, pôde classificá-la como um verdadeiro *Selenothrips*.

Em 1938, PRIESNER, estudando Tisanopteros do Congo Belga, descreveu outra nova espécie — *congoënsis*, do cafeeiro, próxima da que antes estudara com o nome *Selenothrips glabratus* e pôde concluir que ambas devem ser classificadas em novo subgênero — *Xestothrips*, do gênero *Selenothrips*.

No recente catálogo de PRIESNER (1949) "Genera Thysanopterorum", acham-se distintos *Brachyurothrips* e *Xestothrips*.

¹ Recebido para publicação a 8 de agosto de 1956.

Com o material que recebi da Bahia, pude verificar que *Xestothrips* e *Brachyurothrips* são absolutamente idênticos. Basta comparar-se as respectivas descrições para se chegar a tal conclusão.

Assim em *Brachyurothrips* ou, segundo PRIESNER, *Selenothrips* (*Brachyurothrips*), incluem-se as seguintes espécies: *anomalus* Bagnall, 1921; *glabratus* (Priesner, 1928); *hargreavesi* Bagnall, 1929 e *congoënsis* (Priesner, 1938).

A espécie que aqui descreverei é a primeira do gênero a ser assinalada nas Américas.

Brachyurothrips Walteri sp. n.

♀ — 1,35 mm (exemplar não distendido) — Côr geral negra ou parda enegrecida (os exemplares clarificados pela água oxigenada apresentam o 9.º uromero, como no macho, mais fortemente pigmentado de negro). Olhos com os omatídios avermelhados. Antenas com o 1.º segmento inteiramente enfuscado; o 2.º mais enegrecido na metade distal; o 3.º somente enfuscado no quarto distal (parte dilatada apical); o 4.º quase todo êle enfuscado, algo mais claro na metade proximal; o 5.º também quase todo êle enegrecido, ligeiramente mais claro na parte afilada basal ou proximal; 6.º, 7.º e 8.º, inteiramente enfuscados. Cabeça menos enegrecida em baixo e na área entre o olho, a base da antena, o ocelo anterior e um dos posteriores. Pernas com os quadris, a maior parte dos fêmures e a metade proximal das tíbias enegrecidas; as partes restantes são de côr amarelada clara, inclusive os trocânteros e a parte proximal, justa-articular, dos fêmures. Asas inteiramente enfuscadas; as posteriores mais claras, porém percorridas, em quase tôda extensão, por linha enegrecida, que lhes não atinge o ápice.

Cabeça, vista de cima, mais larga que longa (190-204 × 123-133 μ); olhos grandes, proeminentes, ocupando, de cada lado, quase a metade anterior da cabeça; diâmetro de cada ocelo cêrca de 3 vezes um omatídio; os 3 ocelos equidistantes; os posteriores quase tão distantes entre si, quanto cada um dêles do limite súpero-interno do olho correspondente; as 2 cerdas interocelares, quase tão longas ou pouco mais longas que o diâmetro de um ocelo; as post-oculares (3 de cada lado), quase tão longas quanto aquelas, dispostas em linha oblíqua imaginária, paralela e pouco atrás da traçada da margem de um dos ocelos posteriores à margem posterior do olho; a 3.ª, a mais externa, acha-se implantada na região gênal. Em quase tôda a área posterior do vertex, principalmente atrás dos olhos e dos ocelos, vêem-se rugas transversais, irregularmente paralelas e fracamente arqueadas, que se tornam quase imperceptíveis para a margem occipital, porém sem formar retículo; as situadas atrás de cada olho, sôbre a gêna, são um pouco mais aproximadas que as centrais, as quais às vezes se anastomosam; antenas com cêrca de 360-400 μ; segmento 1 (28 μ), cilindroide; 2 (42 μ), um pouco mais dilatado e mais longo; 3 (89 μ), 4 (75 μ) e 5 (56 μ) (v. a fig. 1); 5 aproximadamente tão longo quanto o 6 o 6º e o 7º reunidos; 6 (36 μ), aproximadamente a metade do 5º, apresentando, além de duas cerdas finas atingindo a altura da metade do 8º, um sensílio (o mais longo de todos) que se prolonga quase até a altura do meio do 8º; 7 (20 μ), menor que o 6º; 8 (75 μ), tão longo quanto o 4º.

Pronoto muito curto e fortemente transversal (aproximadamente 81 μ × 238 μ); nêle se inserem duas séries transversais de cerdas paralelas as margens anterior e posterior, porém, ambas afastadas das respectivas margens, numa distância aproximadamente igual a da metade do comprimento das cerdas (com. cerdas 43 μ, quase o dôbro do comprimento das cerdas cefálicas); a série anterior é constituída por duas cerdas bem afastadas (como em *hargreavesi*), a posterior é representada por duas cerdas um pouco mais aproximadas que aquelas

(distância entre ambas pouco menos do dôbro do comprimento de uma delas) e por outras duas externas, algo mais espessas na base, porém não mais alongadas e um pouco mais afastadas da margem posterior do pronotum.

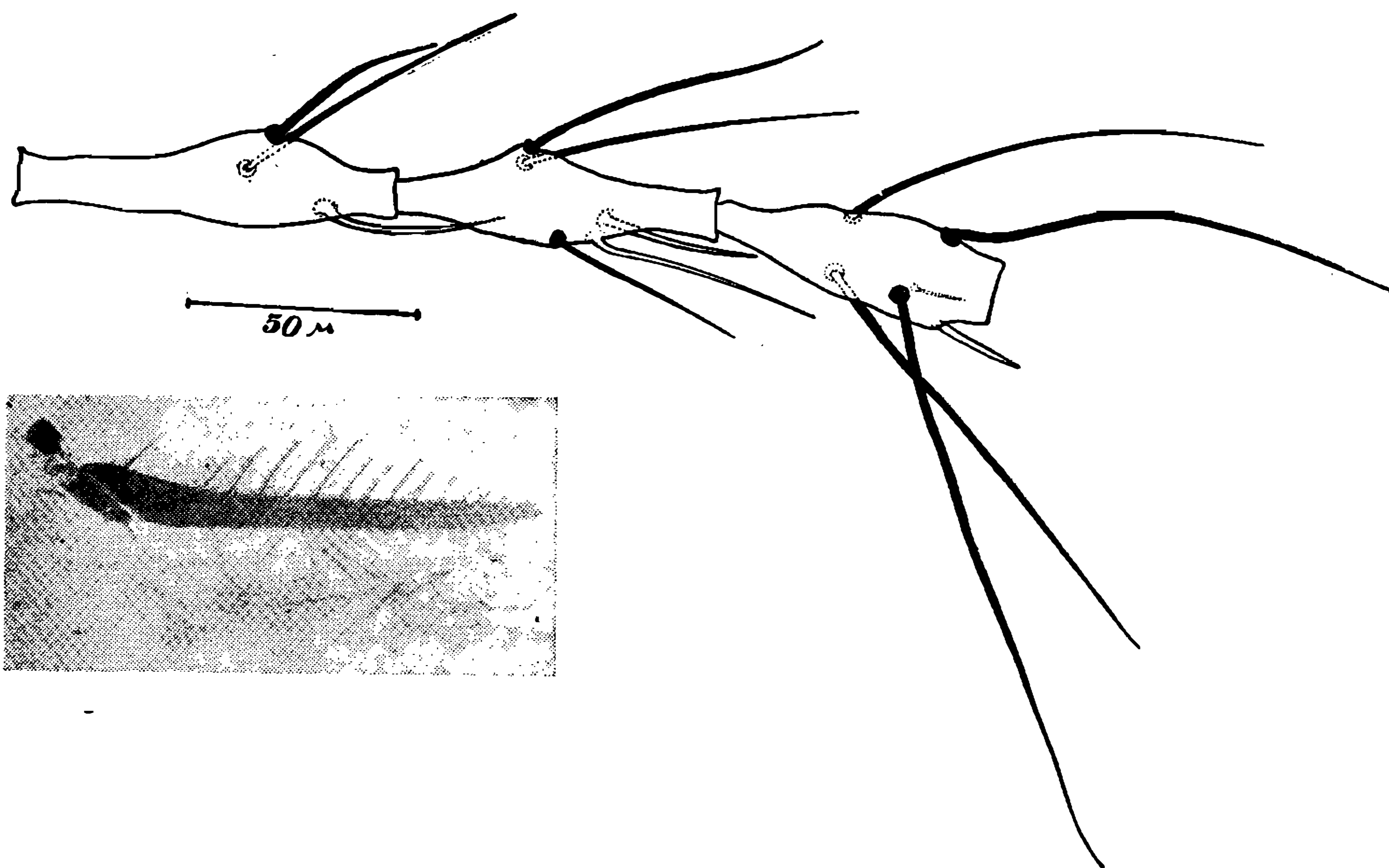


Fig. 1 (superior) — Parte proximal da antena de *Brachyurothrips Walteri* (3.^o 4.^o e 5.^o segts.);
Fig. 2 (inferior) — Asa anterior.

Asa anterior (fig. 2) compr. 787 μ ; larg. na base, 103 μ , no meio, 58 μ ; ao longo da margem costal, da base para o ápice, há uma série de 17 a 23 cerdas longas inseridas em tubérculo basal; a 1.^a delas, mais ou menos alongada (96 μ), insere-se na costa, em ponto correspondente à união dos 2/3 proximais com o terço distal da escama basal ou posterior da asa; a 2.^a cerda, quase tão longa quanto aquela, fica dela afastada numa distância igual a 1,5 o comprimento da 1.^a cerda; as demais cerdas são menos afastadas entre si (distância um pouco maior que a largura da asa no meio (58 μ), eqüidistantes até quase a ponta da asa, aí se apresentam cada vez mais aproximadas, da 14.^a à 19.^a; destas cerdas costais as mais longas são a 6.^a, a 7.^a, a 8.^a e a 10.^a, que têm cerca de 4 vezes a largura da asa, no ponto em que se inserem; as outras são gradativamente menos alongadas. Além dessas cerdas vêem-se outras, também costais, porém mais curtas e mais finas; perto do ápice da asa êles se apresentam quase tão alongadas quanto as que se inserem nos tubérculos setíferos costais. A superfície da asa, menos na parte basal, é densamente revestida de microtríquias; nela se inserem as seguintes cerdas: 3 mais alongadas em fileira longitudinal na parte basal da asa, mais curtas que a largura da asa no ponto da inserção (a 1.^a (proximal) na altura da 1.^a cerda costal; a 3.^a um pouco para fora da 2.^a cerda costal); uma menos fina que aquela, mais curta que a largura da asa no ponto de inserção, mais aproximada da margem posterior e assestada um pouco para trás da 3.^a daquela série, entre a 3.^a e a 4.^a cerdas costais; finalmente outra série de 3 a 6 cerdas mais finas curtas que as 3 basais, inseridas no mesmo alinhamento daquelas, porém mais aproximadas da margem costal, entre a 7.^a e a 17.^a ou 9.^a e 14.^a cerdas costais. Cílios da margem posterior, muito mais longos e mais finos que as mais longas cerdas costais, com ondulação distintamente perceptível com forte aumento (oc. 7 \times obj. C, Zeiss).

Asa posterior mais curta e mais estreita que a anterior ($750 \mu \times 48 \mu$); cerdas e cílios relativamente mais curtos e finos. Pernas normais.

Uromeros 8 e 9 mais longos que os precedentes e quase do mesmo comprimento (120μ); 10.^o (70μ) aproximadamente a metade do 9.^o. Cerdas abdominais, quer as terciais, quer as esternais, gradualmente mais alongadas do 6.^o ao 10.^o uromero; as mais alongadas do 9.^o, como as do 8.^o, as mais longas (120μ), excedem a margem apical do 10.^o uromero.

Primeiro urotergito, lateralmente, na parte circumvizinha ao 1.^o espiráculo, distintamente enrugada transversalmente, não propriamente reticulada; os demais urotergitos, sem reticulação; 2.^o urotergito com 2 cerdas centrais um tanto aproximadas da margem posterior e afastadas numa distância quase igual ao dobro do comprimento de cada uma; para fora de cada uma delas vê-se outra, afastada numa distância quase igual ao dobro da que separa as cerdas centrais e separada da margem posterior do tergito numa distância quase igual ao comprimento da cerda; um pouco adiante desta cerda lateral, vê-se outra menos robusta, um pouco mais aproximada da margem lateral; estas cerdas laterais ficam mais ou menos no mesmo alinhamento longitudinal das cerdas laterais dos urotergitos 3, 4 e 5, que também apresentam 6 cerdas dispostas em 3 grupos de duas cerdas (um central e dois laterais); no 3.^o, 4.^o e 5.^o urotergitos a distância entre as cerdas do grupo central é pouco mais que a que se vê entre as duas dos grupos laterais; no 6.^o e no 7.^o urotergitos as cerdas centrais apresentam-se um tanto mais afastadas, o mesmo se observando com as laterais; de tal modo que, pelo afastamento maior das centrais e aproximação de cada uma delas da lateral interna, ficam tôdas aproximadamente equidistantes; no 8.^o urotergito vêem-se as cerdas centrais um pouco mais aproximadas que no 7.^o, porém, para fora delas, as laterais, em maior número, confundem-se com as que emergem perto da borda lateral do uromero; no 9.^o urotergito observa-se disposição semelhante; no 10.^o urotergito não se vêem cerdas dorsais. As cerdas terciais, em cada urotergito, implantadas numa linha transversal ao longo do meio do segmento, vão se alongando gradativamente até o 9.^o uromero, sendo as laterais do 8.^o e do 9.^o as mais longas. Vêm-se também, revestindo os urotergitos 5 a 8, na metade posterior de cada um deles, pêlos extremamente pequenos, verdadeiras microtríquias, mais robustas e abundantes nos urotergitos 7 e 8; na margem posterior deste último e em toda a sua extensão, acha-se implantado um pente de cerdas equidistantes, cujo ápice atinge aproximadamente a união do 4.^o basal, com o 3/4 distais do 9.^o segmento; no 10.^o uromero vêem-se apenas cerdas marginais, distais, bem menos robustas que a dos uromeros precedentes, pouco mais longas que o comprimento do uromero. As cerdas dos urosternitos são mais esparsas e menos numerosas que nos urotergitos.

♂ — Semelhante à fêmea, porém menor (exemplar não distendido, 1,1 mm); facilmente dela se distingue, além dos caracteres sexuais primários, por apresentar o 9.^o uromero dilatado, emplaceo na metade distal e por ter uma série de 5 rugas transversais, lineares, esclerosadas, ocupando pouco mais do terço médio dos urosternitos 2-6; as do 3.^o ao 6.^o são um pouco recurvadas e têm as pontas voltadas para diante. Cerdas do 9.^o uromero com cerca de 110μ .

Pelo que digo linhas a seguir, ver-se-á por que resolvi descrever este trips como uma nova espécie.

Das 4 espécies do gênero *Brachyurothrips congoënsis* e *glabratus*, embora extremamente próximas segundo PRIESNER, são diferentes "durch die längeren Borsten (B. am 9 Sgm. bei *glabratus*, B. 2:146, B. 3:126-130 μ), ferner durch die etwas längeren und schlankeren Fühler, speziell das viel längere Endglied derselben" (Priesner).

Como os nossos exemplares, por alguns caracteres, mais se aproximam de *glabratus*, enquanto que por outros (como por exemplo o alongamento do 8.^o segmento antenal da fêmea) parecem mais próximos de

congoënsis, vejo-me em condições de não poder dizer com segurança a qual dessas espécies se pode identificar os exemplares da pimenteira. Ocorre, entretanto, uma circunstância, que me leva a eliminar a possibilidade dos mesmos pertencerem a *glabratus*. PRIESNER, descrevendo o macho desta espécie, não mencionou o aspecto característico do nono segmento, distintamente empoláceo ou bolbiforme. Acredito, pois, apesar da espécie dos nossos exemplares ser extremamente próxima das duas de PRIESNER e mesmo considerando a possibilidade dela ter sido introduzida com a planta hospedeira, provávelmente importada da África, que os exemplares da pimenteira achados na Bahia não devam ser idênticos aos de Lagos (*glabratus*) e do Congo Belga (*congoënsis*).

Resta a possibilidade da identidade com *Brachyurothrips anomalus*, ou com *B. hargreavesi*.

O próprio autor destas espécies, ao descrever a última, ponderou o seguinte:

“It is impossible to refer the insect described below, to the genotype, *B. anomalus*, Bagn., with any degree of certainty, and it is to be hoped that further material of the Seychelles species may shortly be discovered”.

Ora, se não foi possível a BAGNALL notar diferenças específicas entre *hargreavesi* e *anomalus*, e se, quando descreveu *hargreavesi*, seguramente não conhecia *glabratus*, tudo me leva a suspeitar, não só na identidade das espécies de BAGNALL, como na de *hargreavesi*, ou talvez *anomalus*, com *glabratus*.

A se verificar a suspeita, restaria, portanto, uma só espécie — *anomalus* com dois nomes na sinonímia (*glabratus* e *hargreavesi*).

Faz-se, pois, necessária uma revisão do material típico de tôdas as espécies de *Brachyurothrips*, que talvez sejam apenas formas de uma única espécie.

Dei o nome *Walteri* em homenagem ao Dr. WALTER DE SÁ MENEZES, do Instituto Biológico da Bahia.

O material típico (cótipos), representado por alguns ♂♂ e ♀♀, guardados em líquido conservador e por outros exemplares montados em lâmina, tomou o n.º 5 836 da coleção do Instituto Oswaldo Cruz.

REFERÊNCIAS

- BAGNALL, R. S. 1921. On Thysanoptera from the Seychelles Islands and Rodrigues. Ann. Mag. Nat. Hist. (9) 7:265-266, est. 4, fig. 3-5.
1929. On some new and interesting Thysanoptera of economic importance. Bull. Ent. Res. 20:69-71, fig. 1.
- PRIESNER, H. 1927. Neue and wenig bekannte Thysanopteren, gesammelt in Westafrika von Prof. Dr. F. Silvestri. Boll. Lab. Zool. Gen. Agrar. Portici, 21:63-64, figs. 1-2.
1938. Thysanopteren aus dem Belgischen Congo. Rev. Zool. Bot. Afr. 30:343-345.
1949. Genera Thysanopterorum. Keys for identification of the genera of the order Thysanoptera. Bull. Soc. Fouad ler Ent.; 33-157.